

## RESPONDENDO A UMA CARTA ABERTA

Um grupo de alunos da Faculdade de Ciências, dirigiu-nos uma "Carta aberta" a propósito da Declaração da Direcção da J.U.C. de Lisboa, de 11 de Fevereiro último, sobre a campanha de adesões a um Apelo mundial para a conclusão de um Pacto de Paz entre as 5 grandes Potências.

Pode resumir-se em quatro pontos o seu conteúdo:

1º- Enumeram-se os horrores da última guerra e prevêem-se horrores maiores ainda para uma guerra futura;

2º- Reconhece-se, citando palavras e factos, que a Igreja e os católicos se interessam pela Paz e lutam por ela;

3º- Nega-se que o movimento de recolha de assinaturas em favor da Paz seja, como se dizia na Declaração de 11 de Fevereiro, "inspirado e dirigido internacionalmente por uma força política essencialmente anti-cristã" e afirma-se que a única ligação do movimento com uma força dessa natureza provém de a U.R.S.S. lhe ter dado "o seu apoio", o que não pode levar-nos a condená-lo, visto a defesa da paz exigir, "para além de qualquer divergência ideológica", que todos se associem "num amplo movimento de unidade";

4º- Convidam-se a J.U.C. e os católicos em geral a unir-se aos "defensores da Paz", subscrevendo o referido Apelo.

Em resposta, cumpre-nos dizer o seguinte:

1º- Na enumeração dos horrores da guerra passada e dos previsíveis no caso duma nova guerra, apenas temos a observar que o relato peca largamente por defeito. Na verdade, tanto os horrores já sofridos como os que poderíamos vir a sofrer são muito maiores e mais profundos do que se diz na "carta aberta" dos nossos colegas. Por exemplo: não se faz qualquer alusão nem às regressões trágicas de que foram vítimas a Finlândia e a Polónia (esta pelas costas e quando lutava heroicamente contra o nazismo); nem ao esmagamento de nacionalidades inteiras como as dos Países Bálticos, nem às deportações maciças de católicos (700.000 até Junho de 1949) da Lituânia para a Rússia e para a Sibéria, nem ao desaparecimento de muitas centenas de milhares de prisioneiros na U.R.S.S., nem aos massacres levados a cabo na Igreja uniata da Ucrânia e da România (cujos Bispos, além de muitos fiéis e da maioria do restante clero, foram todos mortos ou condenados a trabalhos forçados), nem aos milhares de crianças roubadas a seus pais na Grécia, nem a toda a espécie de opressões e violências perpetradas contra a "Igreja do silêncio", para além da "cortina de ferro", etc. . No entanto, tudo isso são horrores da guerra ou que como sua consequência vieram -- e que tudo nos leva a crer se multiplicariam, na hipótese, por exemplo, de a União Soviética vir a dominar o Ocidente europeu.

2º- Apraz-nos que os nossos colegas reconheçam que a Igreja e os católicos se têm esforçado por contribuir para a salvaguarda e consolidação da Paz. Mas convém esclarecer que a Paz por que lutamos não é apenas ausência de guerra, mera "paz de equilíbrio que não destroi as causas de guerra, mormente as espirituais". A nossa Paz "significa tranquilidade na ordem", não se confunde com a simples "quietação", porque esta "sem a verdade é ignorância, sem a justiça é opressão, sem a liberdade é escravatura, sem a vida é morte" (Mensagem de Natal de 1951, de S.E. o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa). Para nós, a única garantia de Paz real e duradoira é a instauração duma "ordem cristã", isto é, duma ordem de verdade, de justiça e de liberdade. Por isso, a nossa luta pela Paz é, antes de mais, luta pela difusão da verdade, pela realização da justiça nas relações entre os indivíduos, os grupos sociais e as nações, por uma sociedade renovada de "homens livres capazes de assumir e aceitar uma parte de responsabilidade na administração pública" (Pio XII, Radiomensagem do Natal de 1951). Ora, isto manifesta já que não nos é possível aderir a um Apelo que, afirmando ser pela Paz, aceita, pelo menos, o "apoio" da U.R.S.S., sem uma palavra de protesto ou de reserva à vista das mentiras, das injustiças e das opressões do mundo soviético.

Vós vedes, amigos signatários da "Carta aberta", vós vedes bem os horrores da guerra e o lastro de atentados à verdade, à justiça e à liberdade que o mundo ocidental arrasta vergonhosamente. Também nós os ve-

mos e, obedientes à voz dos nossos Chefes, que a todo o instante nos lembram que "o dever da hora presente é de acção e não de lamentações" e que ninguém pode "ficar surdo ao grito aflitivo que, no mundo do Deus justo, reclama justiça e espírito de fraternidade (Pio XII, Radiomensagem do Natal de 1942), lutamos contra eles. Mas não podemos calar que a Paz verdadeira, humana e justa, não se realiza numa sociedade que "não passa de enorme máquina, cuja ordem é só aparente, porque deixou de ser ordem da vida, do espírito, da liberdade e da paz", numa sociedade cuja actividade, "como numa máquina, se exerce materialmente, destruindo a dignidade e a liberdade humanas" (Pio XII, Radiomensagem do Natal de 1951).

3º- Mas há mais. É preciso que se saiba que os signatários da "carta aberta" certamente se iludem, supondo que o Movimento pela Paz, em que colaboram, embora tendo o "apoio" da União Soviética, não é por esta "inspirado e dirigido", como se afirmava na Declaração da Direcção da J.U.C. de Lisboa.

Como é sabido, os partidos comunistas nacionais de todo o mundo constituem Secções da "Internacional Comunista" e esta tem como órgão central o Kominform, que é orientado e comandado pelos chefes comunistas russos. Deste modo, todos os Partidos Comunistas estão sob as ordens do governo soviético.

Ora, o Kominform publicou em 31 de Agosto passado, no seu órgão oficial, um artigo em que se lê o seguinte: "Sob a direcção do glorioso Partido Comunista Português, as forças democráticas do País intensificam cada vez mais a luta contra o regime fascista de Salazar e dos seus protectores americano-britânicos, e contra a preparação duma nova guerra e em favor da paz".

Também no número 65, de Outubro último, de "O Militante", Boletim de Organização do P.C.P., se pode ler, logo na primeira página e em caracteres garrafais, a seguinte palavra de ordem: "Intensifiquemos a recolha de assinaturas para a Mensagem que reivindica um Pacto de Paz entre as 5 Grandes Potências". No artigo assim encabeçado, fazem-se "algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido pelo Partido e pelos seus militantes nesta jornada de luta pela Paz" e escreve-se, entre outras coisas, o seguinte: "por toda a parte, ali onde haja peças simples dispostas a lutar pela paz, os comunistas devem fomentar a formação de Comissões de Paz compostas por essas pessoas simples, sem se olhar às suas crenças, ideologia e classe, Comissões que serão os núcleos activistas de luta pela Paz".

Cremos que assim tudo fica perfeitamente esclarecido. Parece-nos evidente que os signatários constituem uma dessas Comissões de peças simples, que o P.C.P. deseja se formem "por toda a parte", certamente para servir os seus interesses, que se identificam com os do Kominform e, portanto, com os de Moscovo.

4º- Perguntar-se-á, porém: "Não significa isto que a Rússia deseja realmente a Paz? Não é, portanto, necessário que saibamos aproveitar esses desejos e colaborar com eles?" A semelhante dúvida respondem, melhor do que nós, os grandes nomes da Rússia soviética.

Segundo Estaline, a estratégia do Comunismo mundial, de que é chefe supremo, consiste, presentemente, em "consolidar a ditadura do proletariado num só país (a Rússia) e servir-se dela como ponto de apoio para derrubar o imperialismo em todos os países. A revolução sai do quadro dum só país, começou a época da revolução mundial" ("Des principes du Leninisme", Paris, 1947, pg. 64). Já em 1934, Kossariev lançara a frase que ficou célebre: "A União Soviética é a pátria do proletariado mundial!" e, quando Lenine morreu, o seu sucessor, Estaline, lembrou: "Lenine nunca considerou a nossa República Soviética como o seu fim definitivo, mas sempre como a primeira etapa que deve facilitar a vitória do proletariado mundial..." (Dictionnaire de Sociologie", III vol., col. 1351).

Quer dizer: entramos na fase da revolução mundial; a Rússia é o ponto de "apoio" dessa revolução mundial. Não será, porém, uma revolução a realizar pacificamente? Não: "... a lei da revolução violenta do proletariado, a lei da destruição da máquina do Estado burguesa, como condição prévia de uma tal revolução, é a lei inelutável do movimento revolucionário..." (Estaline, "Des principes...", cit., pg. 39). Lenine dirá com toda a clareza: "O socialismo é contra a violência exercida para com as nações; é contra a violência em geral. Contudo... ninguém ainda concluiu que o socialismo se opõe à violência revolucionária. Por conseguinte, falar de violência em geral, sem distinguir as condições que di-

ferenciam a violência reaccionária da violência revolucionária, é agir como burguês inimigo da revolução ou então ser um puro sofista... O mesmo raciocínio se aplica à violência entre as nações. Toda a guerra é uma violência para com as nações, mas isso não impede os socialistas de serem pela guerra revolucionária" ("La revolution proletarienne", pgs. 83-85). Em conclusão: a guerra é justa se favorece a revolução comunista; é injusta no caso contrário. Certamente por isso, já em 1932 as percentagens do consumo do ferro e do aço nas indústrias de armamento e munições na U.R.S.S. orçavam por 40% relativamente ao fabrico total de máquinas, e por 46 % relativamente a toda a construção de fábricas de máquinas, tendo subido posteriormente para, respectivamente, 58% e 94%, em 1938! E certamente por isso também, em 1951, as despesas militares soviéticas devem ter atingido cerca de 70% do rendimento nacional russo! (Cfr. H. Schwratz, "Russia's Soviet Economy", London, 1951).

Portanto, se a "guerra revolucionária" é legítima e a Rússia é o "ponto de apoio" da Revolução, que pode significar uma campanha de Paz manobrada por Moscovo? Nada mais do que uma manobra com um objectivo duplo: justificar, aos olhos do próprio povo russo, a política de armamentos do Kremlin, encoberta, deste modo, por uma pseudo-necessidade de defesa, e desagregar, por uma propaganda desorientadora e entorpecente, anterior ao ataque, a frente espiritual e material de resistência do Ocidente. Trata-se, em conclusão, dum monstruoso logro, em face do qual uma só atitude é admissível da parte dos católicos: a repulsa.

E isto porque nós queremos verdadeiramente a Paz!

A DIRECÇÃO DA J.U.C.

Fundação Cuidar o Futuro